
CARTA AO EDITOR

Plantas medicinais e seus extratos: a necessidade de estudos continuados

Desde a antigüidade o homem faz uso de plantas inteiras ou seus extratos como fonte alimentar, cosmética ou para combater algum mal que os acomete. A possibilidade de seus usos foi descoberta inicialmente por observação do comportamento animal ou simplesmente por acaso. Com o aprimoramento da ciência e da tecnologia, plantas antes nunca exploradas atualmente são caracterizadas e valorizadas por suas propriedades, aumentando consideravelmente o desenvolvimento de produtos naturais.

Apesar das muitas utilidades, o grande mercado de consumo de plantas e ervas é o fitoterápico, pois gera cerca de 50 bilhões de dólares anuais. Segundo a Organização Mundial da Saúde, aproximadamente 80% da população mundial consome remédios de origem natural. Sendo assim, tem aumentado a atenção das autoridades ligadas à saúde com relação ao uso de plantas medicinais, porque muitas vezes elas são o único medicamento disponível em áreas carentes e/ou menos desenvolvidas ou porque são uma medicina alternativa em áreas mais desenvolvidas.

Fitoterápicos são substâncias derivadas de plantas reconhecidas por sua eficácia e usadas há milhares de anos no tratamento de determinadas patologias. Remédios naturais são quaisquer substâncias retiradas na sua forma bruta da natureza, praticamente sem purificação alguma e utilizadas como medicamentos. Embora sejam quase sinônimos, os primeiros são produtos cuja ação já foi comprovada cientificamente, enquanto o conhecimento das propriedades medicamentosas dos segundos deriva da sabedoria popular e é transmitido de geração para geração.

Ao redor do mundo, várias espécies de plantas são utilizadas para tratamento dos mais diferentes males. Estima-se que o número de espécies vegetais superiores catalogadas seja de aproximadamente 365.000 e que somente cerca dos 8% delas têm sido sistematicamente estudadas em termos de compostos bioativos. Apesar deste baixo percentual, aproximadamente 7.000 tipos diferentes de compostos químicos farmacologicamente importantes foram extraídos de plantas indicadas para fins medicinais como, por exemplo, a atropina e hioscina (antiespasmódicos), colchicina (anti-reumático), digital (cardiotônico), ópio (modelo para analgésicos), metformina (antidiabético), pilocarpina (antiglaucoma), salicilatos (analgésicos e antiinflamatórios), cafeína (estimulante), quinina (antimalárico), reserpina (hipotensor e sedativo) e vimblastina e vincristina (anticancerígenos), servindo posteriormente como estruturas básicas para desenho, síntese e desenvolvimento de novos medicamentos. Dessa forma, substâncias antes obtidas naturalmente hoje são produzidas comercialmente por síntese química.

Atualmente, a presença de fármacos derivados de fontes naturais tem destaque entre os antivirais (principalmente em pesquisas anti-HIV), anticancerígenos e antimicrobianos que, além da grande aplicabilidade clínica, apresentam um elevado valor agregado, tais como o taxol, a podofilotoxina e as camptotecinas. Sendo assim, a pesquisa de moléculas naturais bioativas continua sendo um campo muito promissor de estudo.

Mas, para descobrir um composto natural ativo, as pesquisas devem ser iniciadas com a verificação dos efeitos ocasionados por um extrato total, chamado de extrato bruto. Estudos detalhados com relação à dosagem terapêutica, efeitos metabólicos e toxicidade devem ser realizados devido à complexidade e multiplicidade de compostos ativos existentes neste tipo de extrato. Vários efeitos já foram descritos para diferentes extratos brutos, como, por exemplo, atividades antibacteriana, hipoglicemiante em diabetes induzido, hepatoprotetora e hipolipidêmica. Porém, deve-se ter muito cuidado com relação ao uso indiscriminado dos extratos naturais. Além dos efeitos benéficos atribuídos aos “chás”, quando tomados sem controle ou sem estudos mais aprofundados sobre seus efeitos, eles podem ocasionar nefro ou hepatotoxicidade induzida, uma vez que normalmente os compostos estranhos ao organismo são metabolizados pelo fígado ou excretados diretamente pelo rim. Ainda, é aconselhável a purificação e determinação dos compostos ativos para um melhor controle de composição e da dose medicamentosa a ser empregada.

O Brasil é o país com a maior biodiversidade genética vegetal do mundo, contando com mais de 55.000 espécies catalogadas de um total estimado entre 350.000 e 550.000. A flora paranaense é rica em plantas com atividades terapêuticas já comprovadas na literatura, como, por exemplo, a *Bauhinia forficata*, *Phyllanthus niruri*, *Ottonia martiniana* e *Hedera helix*. Se muitas drogas sintéticas são produzidas tendo como modelo drogas naturais, o estudo de extratos vegetais e seus componentes são de grande interesse clínico e comercial. Além disso, na velocidade em que ocorre o fenômeno de extinção das espécies vegetais, um enorme número de plantas com propriedades medicinais corre o risco de desaparecer antes de seu valor ser reconhecido, o que torna ainda mais urgente intensificar os investimentos nesta área.

Patrícia Maria Stuelp Campelo, Ph.D.
Professora de Bioquímica da
Pontifícia Universidade Católica do Paraná